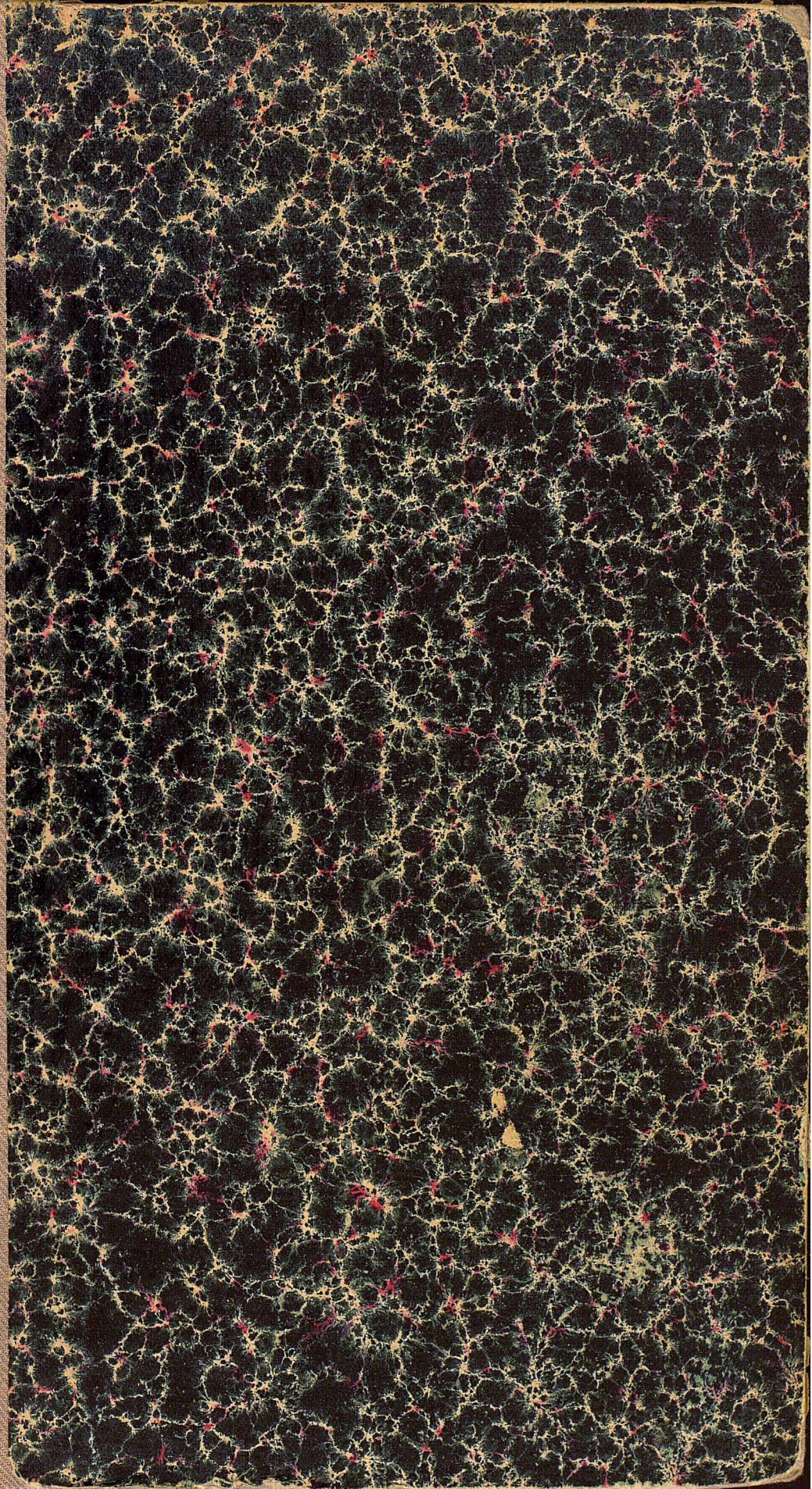


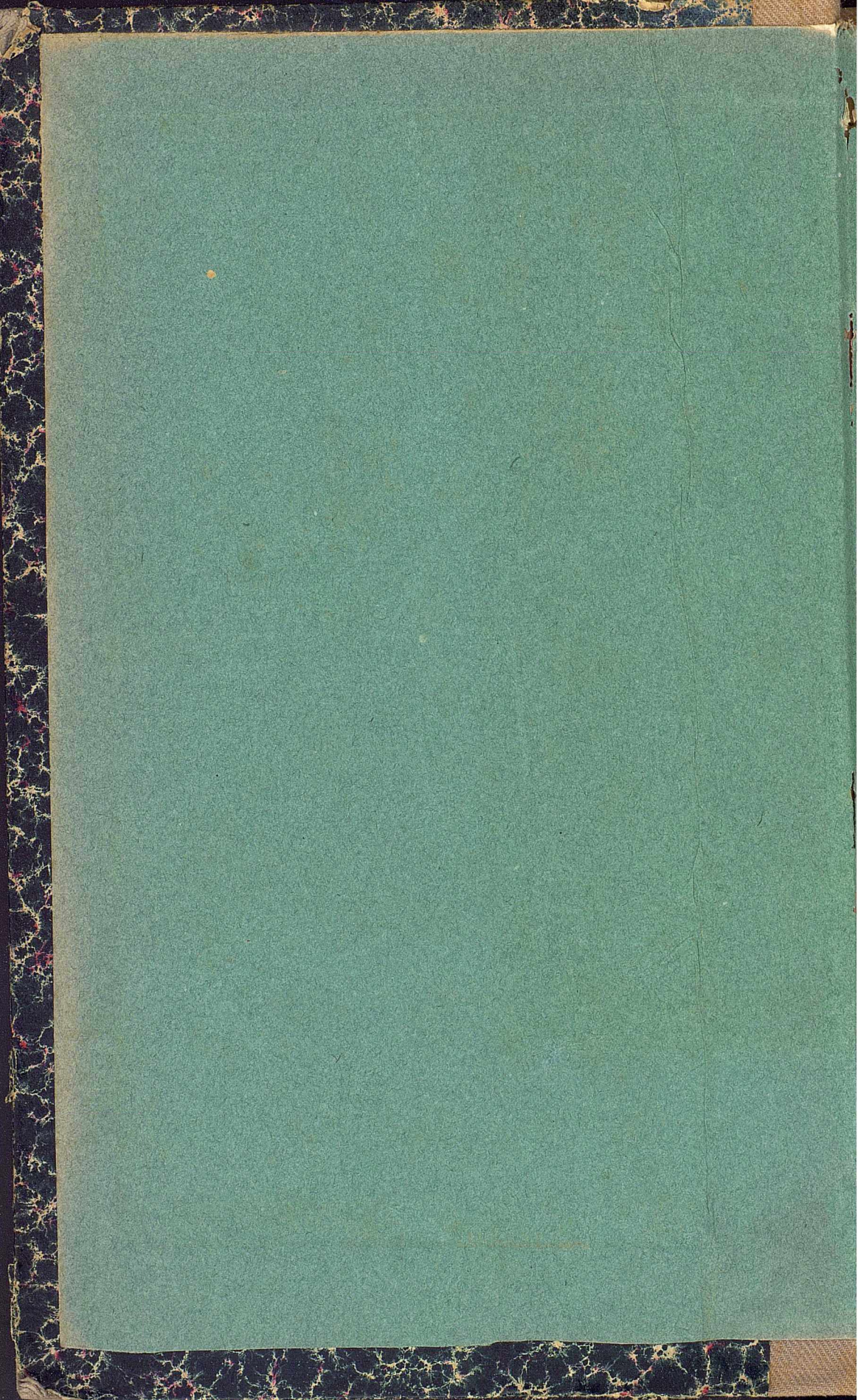
FORA

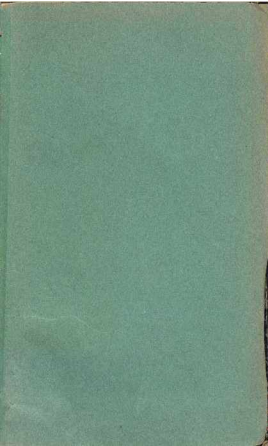
LINEA

1829

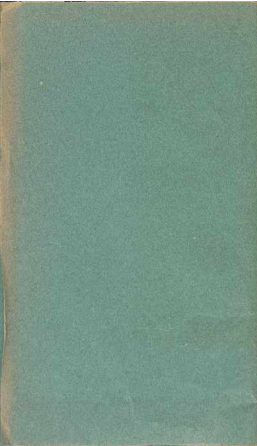














B  
6.803

COMMEMORAÇÃO GLORIOSA

DA MORTE

DE

LUIZ DE CAMÕES

10 de Junho de 1889

*N.º 6.005*



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE J. JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 63

1889



TIRAGEM DE CEM EXEMPLARES

N.º 1



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DOUTOR

Antonin Augusto de Carvalho Monteiro

PORTUGUEZ LEGITIMO NO AMOR

A

TUDO QUANTO RESPEITA

A

LUIZ DE CAMÕES

*Off.*

*A. F. B.*









## ESCLARECIMENTOS

Entre as miscellaneas impressas e manuscritas que da India trouxe para Evora o fallecido trabalhador litterario, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, encontra-se um opusculo, impresso em Bombaim, em 1866, com este titulo: *Um ensaio sobre o meu bello Macáo*, por Antonio Simplicio Gomes, IV, de 24 pg. in-8.º

Escrepto em detestaveis versos, se tal nome cabe a um acervo de palavras ordenadas a modo de poesia, em que seu auctor, completamente estranho ás regras e leis metricas, aos principios da grammatica tece encomiasticos louvores a Macáo, sua patria, e



á gruta de Patane, a immortalisada na tradição, encontra-se uma poesia latina de varios metros, que parece totalmente desconhecida de bibliographos camoistas.

Deve o opusculo ser de extrema raridade em Portugal, e, portanto, a poesia latina que o falso poeta alli reproduz, não só errada na disposição dos versos como em palavras mal copiadas do original, que vira algures.

Felizmente, foi a composição vista em Elvas pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr: Dr. Francisco de Paula Santa Clara, que para logo, com aquella proficiencia que todos lhe conhecemos, não só descobriu as palavras erradas, mas restituiu a disposição dos versos á sua justa posição, assignalando-lhe tres castas de versos, e não uma só, como a impressa disposição dá a lembrar. Exemplifiquemos :

«Hic in remotis sol ubi rupibus  
«Frondes per altas molius incidit  
«Fervebat in pulchram camœnam  
«Ingenium Camœntis ardens.

Sendo de diversos metros estes versos, como nos ensina o mestre, a sua disposição é a que levam adiante.

Não prima o poeta latino, que não sabemos quem seja, em conhecimentos da lingua



latina; mas, como diz o sr. Santa Clara em carta: «*Não é altamente versado na lingua latina seu auctor; e assim os versos são passageiros, principalmente n'estes nossos tempos.*»

Dar conhecimento aos amadores do poeta d'esta poesia latina por meio da impressão, affigura-se-nos um pequeno serviço ás letras e á memoria immortal de Luiz de Camões.

E, pois que ensejo se nos depara de tocar o ponto genealogico do illustre portuguez, aqui observaremos que a conjectura do grande homem ter vindo a Evora em 1576, que expozemos no opusculo: *Luiz de Camões em Evora no anno de 1576*, impresso em 1882, ao descobrirmos uma certidão de casamento nos livros da freguezia de Santo Antão, d'esta cidade, acaba de soffrer grande modificação com o apparecimento de outro documento.

E' um compromisso ou testamento de Duarte de Camões, que o sr. Camillo Castello Branco, crê, na fé de um nobiliario, fallecido sem descendentes, inserto no Livro 1.º B, da Provedoria d'Evora, o qual nos dá Duarte progenitor de dois filhos, um dos quaes, o segundo, é *Luiz de Camões*.

Começa: *Em nome de Deus amen e de*



*santa maria sua madre. Saybam os que este stromento de testamento vyrem como eu Duarte de Camões fidallguo da casa del Rey noso señor morador em esta cidade deuora jazendo doente em hua cama e jazendo em meu juyso. . . .*

Segue o documento em letra encadeada, de não correntia leitura, e termina datado dos *douze dias do mez de maio do año do nascimento de noso señor Jhu Xp.º de mill e quinhentos e cincoenta e tres.*

Do morgado é primeiro administrador *P.º Gonsalves de Camões*, e se elle fallecer sem descendente lidimo, *Luiz de Camões*, ambos seus filhos.

Prevendo o caso d'este segundo filho morrer sem descendentes será administrador do morgado um sobrinho, filho de Antonio Vaz de Camões.

Este documento vem crear difficuldades aos linhagistas, Em que parte da arvore de geração, dada por Severim de Faria, devem entrar estes nomes?

Duarte de Camões

Pero Gonçalves de Camões

Luiz de Camões?

Vejamos a arvore :



Gonçalo Vaz de Camões  
 Antonio Vaz de Camões  
 Lopo Vaz de Camões  
 Antonio Vaz de Camões  
 Lopo Vaz de Camões  
 Antonio Vaz de Camões  
 Lopo Luiz de Camões

Deixemos o caso aos genealogistas, a quem aqui offerecemos estes dados :

Gonçalo Vaz de Camões  
 Antonio Vaz de Camões  
 Lopo Vaz de Camões — 1439-1449  
 Antonio Vaz de Camões  
 Lopo Vaz de Camões — 1498  
 Duarte de Camões — 1553  
 Pero Gonçalves de Camões } filhos  
 Luiz de Camões }  
 Lopo Vaz de Camões — 1583-1590  
 Antonio Vaz de Camões — 1602 <sup>(1)</sup>

Voltando á poesia latina e a quem nol-a deo á estampa por primeira vez, mostrare-

---

(1) Ha documentos que provam a existencia d'este e dos demais nos annos indicados.

*A Luiz de Camões. Homenagem* de A. F. Barata, 1880.



mos ao leitor a confirmação do acêrto feito sobre o merito do autor do *Ensaio sobre o meo bello Macáo*. Começa o homem :

Ajudaime, Oh Musa tão clemente,  
 Inspirai dom poetico aos meos cantos,,  
 De Macáo, os admiraveis encantos  
 Vae cantando o peito meo gemente ;  
 Vae exaltar a minha voz tremente  
 A morta fama, em sentidos prantos,  
 Sede para mim um pouco indulgente  
 Que eu já rasgo de acanho os negros mantos.

.....

Detestavel ! Mas, é no fim d'este monstro litterario que o poetastro diz, referindo-se á gruta de Camões :

Como cant'rei a Gruta de Camões !  
 O lugar onde fez tantas canções  
 Esse poeta grande, e gigante —  
 O cantor que cantara tão constante —  
 Saudade sua tão forte, más terna  
 No inspirador Horto — na caverna —  
 Lá inspirado foi elle por uma muza  
 Que aos outros inspirar sempre recusa —  
 Do lugar uma vista muito bella  
 Se apresenta : um ai ! é a sequella  
 Do espaço, que é tão excitante,  
 Vindo do peito do poeta amante —  
 Lá cercado por um denso arvoredó,  
 Assentado em cima d'um penedo,  
 Acclarado p'la luz do coruscante  
 Bicornes astro bello fulgurante —  
 Lá ouve-se o cicío desse vento  
 Que passa pelas arvores tão lento



E com suaves cheiros impregnado  
 Chega assim ao poeta embrenhado—  
 Ao pé mesmo os tristes murmurinhos  
 Das aves, que voltaram p'ra seos ninhos—  
 O canto do mavioso rouxinol  
 Começa quando desce-se o Sol.—  
 Nvens brancas, que correm tão veloz,  
 Como esse som da minha fraca voz  
 E que, incertas, desenham a figura  
 Sem nome no céu de azul tintura—  
 E que céu !!! — matizado de estrellas,  
 Que ora apagam, ora brilham, bellas.  
 É desse lugar que eu hoje canto—  
 Que eu exalto o ingenito encanto,  
 Do lugar onde tudo inspira amor,  
 Do que em lembrando da saudade a dor,  
 Enche o coração meo de tristura,  
 Faz o viver meo cheio de amargura—  
 E abaixo de algumas linhas eu  
 Transcrevo o que alguem lá escreveo:

Sufficientes estes esclarecimentos para elucidação do leitor, passamos já a dar-lhes leitura da composição poetica.

Cartuxa de Evora, maio de 1889.

D. BRUNO DA SILVA.



IN CAVERNAM UBI  
CAMOENS

OPUS EGREGIUM COMPOSUISSE FERTUR

Hic in remotis sol ubi rupibus  
Frondes per altas molius incidit,  
Fervebat in pulchram camœnam  
Ingenium Camœntis ardens.

Signum et poetae marmore lucido  
Spirabat olim carminibus sacrum,  
Parvumque, quod vivens amavit,  
Effigie decorabat antrum.

Sed jam vetustas aut manus impia  
Prostravit, eheu! Triste silentium  
Regnare nunc solum videtur  
Per scopulos, virides et umbras!

At fama nobis restat — ad inclitum  
Restat poetae nomen — at ingenii  
Stat carmen exemplum perenne,  
Aerea nec monumenta quaerit.

Sic usque virtus vincit, ad ultimas  
Perducta fines temporis, exitus  
Ridens sepulchrorum inanes,  
Marmoris et celerem ruinam.

Macáo, 1831.

J. F. DAVIS.



## NOTA

Ahi fica a breve composição poetica : apreciem-na os entendidos.

Entretanto, cumpre observar 'neste logar que o verso :

*Ridens sepulchrorum inanes*

tem metrificacão insustentavel. Não se topam exemplos nos poetas latinos que auctorisem o desprezo do rigoroso cumprimento da ecthlipse.







Foi impresso este opusculo em a mui nobre e sempre leal cidade de Evora, na officina typographica de J. J. Baptista, trezentos sessenta e oito annos depois da introdução da imprensa 'nesta cidade, em 1521, e acabou-se aos 16 de maio de MDCCCLXXXIX annos.



